



HUMOR "NEGO": A CIRCULAÇÃO DA ETNICIDADE DO NEGRO NO APLICATIVO *WHATSAPP*

Vanessa de Castro Bersót Pereira¹; Pedro Dorneles da Silva Filho²;

Instituto Federal Fluminense, vanessabersot@hotmail.com

Instituto Federal Fluminense, dorneles.pedro@hotmail.com

Resumo: Inquietados pela propagação rápida de imagens relacionadas aos negros de forma pejorativa, esse artigo teve como foco principal a discussão acerca do *racismo à brasileira* presentes nas imagens divulgadas na Internet e compartilhadas no aplicativo *Whatsapp*. Como metodologia foi utilizada a análise das imagens e o levantamento bibliográfico sobre o assunto. Além disso, foi realizado um debate sobre questões referentes à discriminação racial na sociedade e seus reflexos. Na análise dos dados, foi utilizada a visão bakhtiniana sobre a compreensão dos discursos às imagens vinculados, além do uso de alguns conceitos de linguística textual da autora Ingedore Koch. A partir das discussões, observou-se que as redes sociais digitais são como uma enorme teia para troca de informações, onde há usuários que as utilizam para empregar expressões que potencializam a discriminação.

Palavras-chave: Discriminação Racial; Racismo à Brasileira; Circulação ideológica.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo central a discussão e a reflexão dos processos discriminatórios, no que tange às questões da etnicidade do negro no Brasil. Visando promover uma reflexão calcada em um arcabouço teórico voltado para tal questão, procuraremos alinhar os fios aparentemente dispersos deste discurso.

Apesar de não se tratar de temáticas novas, o da desigualdade e o da discriminação racial, ainda são problemáticas em pauta nas discussões e produções do conhecimento. Afinal, a garantia efetiva da igualdade racial (não de identidade, mas de direitos e respeito) é uma longa jornada a ser atravessada e, portanto, muito tem que ser (re) visto, discutido e reelaborado. Sendo assim, a relevância deste escrito se faz presente.

Texto e discurso, material e ideologia, são formas de expressão do humano na sua tentativa de se inscrever no Mundo e demarcar sua alteridade. Pensando nisso, partiremos da análise dos enunciados presentes em textos que têm circulado nas redes



sociais, mais especificamente no *Whatsapp*, e que refletem uma postura discriminatória em relação a um grupo étnico específico; o negro.

Atrelando tecnologia à difusão de materiais textuais e seus aspectos ideológicos, procuraremos constatar como que a imagem é capaz de desnudar um discurso velado do preconceito.

2. A DESIGUALDADE RACIAL NO BRASIL

Sabe-se que no Brasil há muita desigualdade, seja ela econômica, social e racial. Apesar de muitos indivíduos negarem o fato de que o negro brasileiro não sofre com desigualdade racial e sim social, trouxemos aqui alguns indicadores para compreendermos melhor essa diferença, tendo como subsídio o *Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil; 2009-2010*, com organização de Paixão, Rossetto, Montovanele e Carvano. Após as análises, os autores encontraram alguns indicadores dessa diferença, como podemos ver nas tabelas a seguir:

Tabela 1 - Indicadores selecionados sobre as condições socioeconômicas dos grupos de cor ou raça (brancos, pretos e pardos), Brasil, 2000 e 2007.

	Renda média do trabalho principal, ago. 2000 (em R\$).	Taxa de analfabetismo da população acima de 15 anos de idade, 2000 (em %).	Anos médios de estudos da população acima de 15 anos de idade, 2000 (em anos).	Pessoas abaixo da linha de indigência, 2000 (em %).	Esperança de vida ao nascer, 2000 (em anos de vida).	Razão de mortalidade por homicídio, 2007 (por 100 mil habitantes).	IDH, 2007
Branco	916,29	8,3	5,5	14,3	74,0	15,5	0,832
Negro	419,92	21,5	4,0	30,3	67,6	27,9	0,717
Pardo	449,12	18,2	3,9	32,7	68,0	32,9	0,723
Total	720,77	12,9	4,8	22,6	71,1	25,4	0,783

Nota 1: esperança de vida ao nascer calculada por Juarez C. Oliveira e Leila Evartti

Nota 2: linha de indigência regionalizada elaborada pelo IPEA

Fonte: *Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil; 2009-2010*



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Estes dados assinalam que, nas classes sociorraciais existentes na sociedade brasileira, se pode apontar uma parecida posição dos pretos ou dos pardos entre si. Esta questão é especialmente interessante dentro da discussão sociológica brasileira que, diversas vezes, apontava para uma melhor posição dos pardos comparativamente aos pretos, por conta de uma suposta menor intensidade do preconceito racial.

Além disso, quando se comparam os indicadores de ambos os grupos em relação aos brancos, percebe-se que as distâncias são bem maiores. Assim, em 2000, a taxa de analfabetismo dos brancos é inferior tanto em relação aos negros, quanto aos pardos; a renda do trabalho principal dos brancos era mais de 100% maior que a dos pretos e a dos pardos. A proporção de mortos por homicídios, em 2007, era inferior à dos pretos e à dos pardos. Os brancos estudavam em média um ano e meio a mais que os pretos e os pardos. Viviam em média seis anos a mais que os pretos e os pardos. Seu IDH era maior que dos pretos e dos pardos. Obviamente, a extensão simplesmente estatística do problema não acaba com todas as outras dimensões do debate político e social.

Como podemos ver na tabela anterior, há uma grande diferença entre a população negra e branca no Brasil. Em seu livro *Desenvolvimento Humano e Relações Raciais*, Paixão (2003) debate sobre as desigualdades sociorraciais no Brasil, tendo como ênfase o estudo IDH de negros e brancos, e buscou a compreensão do porquê e qual a lacuna entre as condições de vida dos negros(as) e brancos(as) do Brasil, com uma visão neoliberal. Neste momento do período neoliberal, por coincidência ou não, o mito da democracia foi posto em uso, impulsionado, motivado pelos governantes e elites brasileiras, frente às necessidades de controle político, ideológico e econômico da população afro-descendente. Também neste período ampliou o abismo das condições sociais entre negros(as) e brancos(as). E segundo Paixão, "quando a economia cresce, eles ganham menos, e quando a economia se retrai, eles perdem mais". Ou seja, não há como contradizer o fato de que existe o mito da democracia racial.

No Brasil existe a crença de que não há uma desigualdade racial e sim uma desigualdade social, porém isso é uma desculpa da elite, pois ainda não se tem uma explicação do porquê existe tantos negros entre os pobres e poucos conseguem ter uma condição melhor de vida, uma melhor autonomia financeira. O preconceito, a



discriminação, o racismo são tão intensos em diversos níveis sócio-culturais que tem sido uma grande preocupação para os estudiosos atuais.

3. CONCEITOS DE DISCRIMINAÇÃO

Para esse estudo será necessário entendermos o significado de discriminação e por isso vale a pena rever o conceito de preconceito, já que um está inteiramente interligado ao outro. Segundo o *Dicionário de ciências sociais* (SILVA, 1987 apud CANDAU, 2003) preconceito é "uma atitude negativa, desfavorável para com um grupo ou seus componentes individuais". Ainda de acordo com Candau (2003),

[...] discriminação refere-se aos processos de controle social que servem para manter a distância social entre determinados grupos, através de um conjunto de práticas, mais ou menos institucionalizadas, que favorecem a atribuição arbitrária de traços de inferioridade por motivos, em geral, independentes do comportamento real das pessoas que são objeto da discriminação (CANDAU, 2003).

Já Sant'Ana (2005), conceitua discriminação como "nome que se dá para a conduta (ação ou omissão) que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa e outros". A discriminação racial, segundo o conceito estabelecido pela ONU (1996 apud SANT'ANA 2005),

[...] significa qualquer distinção exclusão, restrição ou preferências baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica, que tenha como objeto ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, o gozo ou o exercício, em condições de igualdade, os direitos humanos e liberdades fundamentais no domínio político, social ou cultural, ou em qualquer outro domínio da vida pública (ONU 1996 apud SANT'ANA, 2005, p.63).

Segundo Lopes (2005), a discriminação possui duas visões diferentes e contrárias:

- a do *discriminador* - que estabelece e se avalia o mais competente, hábil, o mais erudito, letrado, instruído, o dono do planeta e dos seres, que sempre dita as regras do que lhe convém, que conserva e sustenta sua auto-estima em alta às custas do outro.



- a do *discriminado*, que fica à disposição das determinações do discriminador, o qual tenta formar a vida do grupo social de acordo com seus privilégios e interesses; que tem de batalhar intensamente para erguer sua auto-estima, que tem de construir sua identidade diante das dificuldades (LOPES, 2005, p.189).

Em síntese, o tipo de discriminação que estamos falando é a discriminação como a exclusão, distinção, desprezo pelo diferente, isto é, tentar impedir que o discriminado seja ele mesmo, tornar o outro parecido, mas nunca idêntico, e principalmente privando-o do acesso à escola, trabalho, saúde, e atrapalhando sua conquista às mesmas possibilidades de toda a sociedade.

4. METODOLOGIA

A metodologia utilizada consiste em uma análise de textos imagético-verbais veiculados na internet e na rede social digital *Whatsapp*, esta foi escolhida para a pesquisa tendo em vista que é uma das redes sociais digitais mais utilizada por brasileiros atualmente. Tornou-se um dos meios mais importantes para se comunicar, já que com esse aplicativo é possível enviar e receber mensagens, áudios, fotos e vídeos. Por isso, a propagação das imagens aconteceu ligeiramente, atingindo, assim, milhares de pessoas.

Os textos analisados são colagens, uma modalidade discursiva de grande recorrência e circulação nos espaços cibernéticos. A imagem não deve ser considerada como um texto complementar ao enunciado verbal, mas sim, como uma das partes constituintes da significação. O gênero colagem, pois, necessita da confluência dos códigos tanto imagéticos quanto verbais para efetivar plenamente seu processo enunciativo.

Primeiramente apresentaremos uma sequência com as produções textuais a serem analisadas e, logo em seguida, faremos comentários, de cunho analítico, acerca dos segmentos verbais constituintes dessas produções, a fim de relacioná-los à imagem a que estão vinculados, no propósito de pôr em evidência a carga ideológica e o tom pejorativo em relação ao negro, abrigados por detrás da materialidade do texto.



Na análise, contemplaremos a visão bakhitiniana em relação ao conceito de discurso e seu caráter dialógico, assim como também usaremos alguns conceitos da linguística textual de Ingedore Villaça Koch para tratarmos de questões como locutor, coenunciador, interação enunciativa, entre outros aspectos relacionados ao campo da linguagem, produção e recepção do texto.

5. ANÁLISE

Tolerar a existência do outro e permitir que ele seja diferente ainda é muito pouco. Quando se tolera, apenas se concede, e essa não é uma relação de igualdade, mas de superioridade de um sobre o outro. **José Saramago.**

É evidente que há uma ideia de democracia racial no Brasil, onde todos os brasileiros dizem que tratam igualmente o seu diferente, fato que, indubitavelmente, é uma inverdade, pois a sociedade não admite que haja em si o preconceito. Entretanto, já viram ou ouviram algum tipo de discriminação, ou seja, a discriminação vem de alguns sujeitos ainda indeterminados. Deste modo, temos aqui no Brasil um lugar produtivo para a construção do racismo silencioso, como Ferreira (2002) titula: *racismo à brasileira*, isto é, "visão negativa do afro-descendente e um discurso contrário que tenta negá-la". (FERREIRA, 2002, p.75).

Acredita-se que existe um país onde reina a paz social, em que todo e qualquer ser humano é enxergado da maneira em que é, mas que, na verdade, este preconceito está escondido tanto com piadas, brincadeiras, formas de agir entre outros aspectos. É como se pode ver na sequência de imagens a seguir, extraídas do circuito de materiais disponíveis no *Whatsapp*:



Figura 1 -Nego é falso

O uso da expressão “Nego faz...”, na *práxis* da linguagem coloquial, é usada para referir-se a qualquer pessoa, independente do grupo étnico no qual está inserida. Apesar disso, a assertiva é passível de contestação, uma vez que o vocábulo “Nego” alude, ou melhor dizendo, refere-se diretamente ao vocábulo “Negro”. Porém, no uso da linguagem oral, de fato, esta ocorrência idiomática tem sido direcionada a qualquer pessoa independentemente de cor. Justificativa frágil em que se amparam os usuários de tal expressão.

Segundo Bakhtin (2011): “(...) elemento do enunciado que lhe determina a composição e o estilo é o *elemento expressivo*, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo e do sentido do seu enunciado” (BAKHITIN, 2011, p.289). Isso significa dizer que todo enunciado parte de uma intencionalidade discursiva. Podemos notar no caso em questão, “*Nego faz...*”, mesmo sendo apenas uma expressão do campo verbal-oral, é carregada de intencionalidade por parte de quem a enuncia.

O que acreditamos que ocorra é uma naturalização tão forte do racismo subjacente nesta colocação, que a sua reprodutibilidade impensada por parte das pessoas que a compartilham, acaba por não permitir que elas reconheçam, quando interpeladas, um direcionamento étnico e em entonação pejorativa desta expressão.

Contudo, o cybergênero analisado conta com a imagem como um de seus componentes e, assim sendo, esta acaba deflagrando e trazendo à tona o direcionamento/restrrição a um grupo étnico específico. O vocábulo “Nego”, antes usado



e justificado como um uso genérico, agora sim, pela imagem, revela-se especificador de um grupo; o dos negros.

A sequência das produções textuais selecionadas, além da questão étnica fortemente deflagrada pela associação do termo “Negro” com a imagem de um negro, trazem outras problemáticas como: deficiência, aspectos históricos e questões sociais como base da criação de um intencionalidade discursiva que se pretende cômica, geradora do humor do texto como um todo.

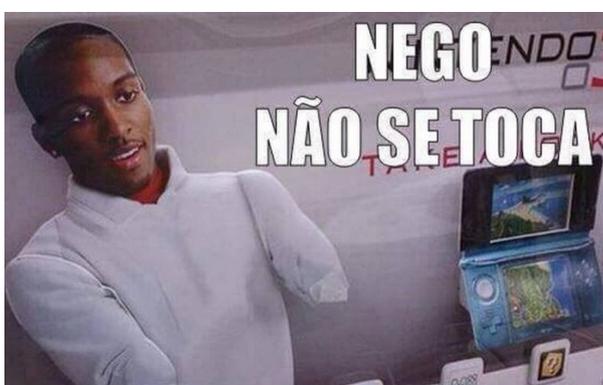


Figura 2 – Negro não se toca



Figura 3 – Negro é retardado

Nas figuras 2 e 3, por exemplo, além da questão étnica, há a questão depreciativa frente à deficiência. As imagens e o texto verbal confabulam na produção de um efeito de sentido que se quer humorístico/ cômico, mas acaba sendo estritamente pejorativo. O uso do vocábulo “retardado” associado à imagem de uma criança negra com Síndrome de Down choca-nos pela crueldade com que foi pensada. No caso desta imagem, há um preconceito explícito referente aos seres humanos portadores da Síndrome de Down. Assim como na outra supracitada, em que há também uma colocação cruel acerca das limitações físicas reveladas pela imagem e uma tentativa de comicidade pelo recurso da ambigüidade que ocorre entre a expressão idiomática coloquial “Não se tocar”, *não ter senso*, com o seu valor denotativo, não se tocar, apalpar-se, por limitações físicas, em que a imagem de um homem negro é posta sem os membros superiores.

Koch (2002) afirma que “para o processamento textual, recorremos a três grandes sistemas de conhecimento: conhecimento lingüístico; conhecimento enciclopédico (de mundo) e conhecimento interacional” (KOCH, 2002 apud KOCH, 2010, p. 39-40), em que o primeiro consiste no conhecimento das estruturas lexicais,



elementos coesivos e progressão textual, fatores imprescindíveis à coerência e, por conseguinte, compreensão do texto; as ferramentas da Língua. Já o segundo, consiste nos saberes acumulados a partir das vivências pessoais do interlocutor que lhe auxiliarão na atribuição de sentidos ao se defrontar com o material textual. E, por último, a autora trata do conhecimento interacional, que diz respeito aos saberes produzidos pelas trocas entre enunciador e coenunciador (leitor) no processo de transmissão e recepção enunciativa.

Baseando-se nessas três modalidades de conhecimento trazidas por Koch, podemos dizer que todos eles estão sendo ativados neste nosso processo analítico, haja vista que estamos considerando aspectos léxico-gramaticais, imagéticos, situacionais e comparativos entre palavra e imagem para dar conta de revelar o discurso preconceituoso e pejorativo que subjaz nos materiais em questão.

Numa diferença básica entre preconceito e discriminação, podemos dizer que, como a própria palavra *preconceito* em sua etimologia diz, consiste na antecipação ideológica, visão, conceituação apressada e sem fundo conhecimento acerca de algo... Já a discriminação é a ação materializada que, na maioria das vezes, advém de um preconceito. Em suma, preconceito é a ideia e discriminação é o ato. Os textos (materializações) aqui expostos, sem dúvida, partem de um discurso (ideologia) preconceituoso, mas são por si só, atos de discriminação, pois produzem efeitos de sentido que, mesmo se querendo em tom de comicidade, acabam atingindo depreciativamente a dignidade e os valores da identidade negra. Enfatizando essa ideia, vejamos as figuras a seguir:



Figura 4 - Negro não vale nada



Figura 5 - Negro ta soltinho hoje



As figuras 4 e 5, justapostas intencionalmente, aludem de forma a ironizar ou minimizando um dos maiores genocídios da História da humanidade: a escravização dos povos africanos. No segundo texto da sequência, o enunciado verbal diz que “Nego não vale nada”, em que, “valer nada”, no sentido informal e usual da Língua, significa ser perspicaz a ponto de superar qualquer pessoa, ser astuto e, por ter tal característica, ter o direito de ironizar, rebaixar outrem. Esse sentido cai por terra e a força do visual ganha forma a denunciar o tom negativo e desumano ao qual o texto se refere: “Nego não vale nada” é associada à imagem da comercialização de escravos, tratados, como sabemos pelos conhecimentos prévios e históricos, naquela época, como mercadoria e não como ser humano, afinal, este não tinha sequer *alma*.

A quinta produção ironiza, por sua vez, o processo de abolição da escravatura com a assinatura da Princesa Isabel em 1888, ao formar com o texto verbal “Nego tá soltinho hoje”, um todo enunciativo, cujo caráter é especificador de um determinado grupo étnico, satirizando-o. Neste caso, a relação imagem e palavra é o fator que deflagra a acidez da tentativa de comicidade, tal como o uso do diminutivo “soltinho” em tom depreciativo.

Ao analisar os textos por aqui, utilizamos as colocações “tom” pejorativo, “tom” depreciativo. A entonação, a forma de expressar um enunciado, revela as intenções dele, como nos afirma Bakhtin (2011): “Um dos meios expressivos da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala é a entonação expressiva que soa nitidamente na execução oral. A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado” (BAKHITIN, 2011, p.290)

Findamos, aqui, nossas apresentações e algumas análises entremeadas de teorias da linguagem e do discurso, a fim de evidenciar os traços do texto que revelam o racismo e uma prática discriminatória em relação ao negro. E mais: como que esses discursos, subjacentes no material textual, acabam por ser propagar e se reproduzir na circularidade veloz dos meios tecnológicos atuais, como no recurso aplicativo *Whatsapp*. Um material aparentemente sem intenções discursivas de discriminação, acaba por se revelar, numa análise mais crítica e aprofundada, como um ato de discriminação sim. Essa minimalização do racismo e das práticas discriminatórias é



muito recorrente em nossa sociedade. Em todo o Brasil, o preconceito não é declaradamente afirmado, impedindo e/ou bloqueando a preparação de leis que favoreçam sua reversão, ou seja, o problema é disfarçado.

Ferreira (2002) reforça essa questão de como a discriminação surge, muitas vezes, de piadas, frases ditas educadamente, pois "no caso do afro-descendente, este processo torna-se dramático, pois é veiculado e, muitas vezes, encoberto por 'frases educadas', alimentando o mito [...]. Tal visão conserva o problema, pois este deixa de ser enfrentando em função da ideia dele não existir" (FERREIRA, 2002, p.72). No Brasil, as pessoas vítimas de discriminação são tratadas com cordialidade, de forma sutil, e como muitos discriminados acreditam, é vista também como brincadeira, são tratamentos com civilidade, de forma tolerante, o que não quer dizer que seja tratado com igualdade.

6. CONCLUSÕES

É evidente que este tema estará sempre aberto para investigações, este estudo está longe de proporcionar conclusões, há ainda muito que refletir e lutar sobre este assunto. Esta pesquisa é apenas uma iniciativa para que haja outras questões em debate, seria um ponto de partida para outras reflexões que provavelmente irão aparecer.

Pudemos observar, também, que Internet, como reflexo da sociedade, também é palco de preconceitos impregnados, porém, escondidos, por detrás das brincadeiras, e assim, em vez de contribuir para reversibilidade deste problema, acaba incitando os estereótipos sociais. Por isso, é necessário estarmos atentos às ações discriminatórias, mesmo que em tons de brincadeiras e piadas, pois é assim que o preconceito e o racismo se propagam.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CANDAU, V. M. **Somos tod@s iguais?** Escola, discriminação e educação em direitos humanos / Vera Maria Candau (coord.) Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FERREIRA, Ricardo Franklin. O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afro-descendente. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 14, n. 1, p. 69-86, June 2002 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822002000100005&lng=en&nrm=iso>. access on 24 May 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822002000100005>.

KOCH, I. V. ; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2010.

LOPES, V. L. Racismo Preconceito e Discriminação. In: MUNANGA, K. **Superando Racismo na escola**. 2º ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PAIXÃO, M. J. P. **Desenvolvimento Humano e Relações Raciais** - Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____, M. ROSSETO, I. MONTOVANELE, F. CARVANO, L. M. (orgs) **Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil; 2009-2010**. Constituição Cidadã, seguridade social e seus efeitos sobre as assimetrias de cor ou raça. Rio de Janeiro: Garamond; 2010.

SANT'ANA, A. O. História e conceitos básicos sobre racismo e seus derivados. In: MUNANGA, K. **Superando Racismo na escola**. 2º ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.